



Neto de Roosevelt reforça o “papel estratégico dos Açores” na política norte-americana

Curtis Roosevelt, neto do ex-presidente dos Estados Unidos da América, foi responsável pela conferência de abertura da segunda edição do Fórum Roosevelt, que começou ontem no Palácio dos Capitães Generais, em Angra do Heroísmo.

Com a abertura deste Fórum, Curtis Roosevelt destacou o estilo político do avô, fazendo várias referências a posições e decisões tomadas por este, num contexto político internacional crítico, como o pós I Guerra Mundial. Curtis Roosevelt deu também a conhecer as suas perspectivas sobre o papel dos Açores enquanto elemento estratégico ao entendimento entre as nações, no sentido de evitar a realização de uma terceira guerra mundial, destacando, também, a importância deste Fórum.

“Queremos uma paz duradoura. Mais do que acabar com a guerra, queremos acabar com a origem de todas as guerras”, afirmou Curtis Roosevelt, citando o avô, Franklin D. Roosevelt.

A sessão de abertura do Fórum teve início com a intervenção de Mário Mesquita, administrador da FLAD, que destacou a importância das várias problemáticas actuais abordadas neste Fórum, de relevância regional, nacional, comunitária e internacional. No mesmo sentido, disse ainda que “o tema do nosso Fórum traduz a vontade de não aceitar como inevitabilidade as visões catastróficas que, no início do séc. XXI, sucederam aos diagnósticos precipitados do fim da história após a queda do Muro de Berlim e da União Soviética”.

Avelino Meneses, reitor da Universidade dos Açores, marcou também presença na mesa de abertura, antecedendo o discurso do presidente do Governo Regional dos Açores.

Carlos César reafirma importância geoestratégia da Região

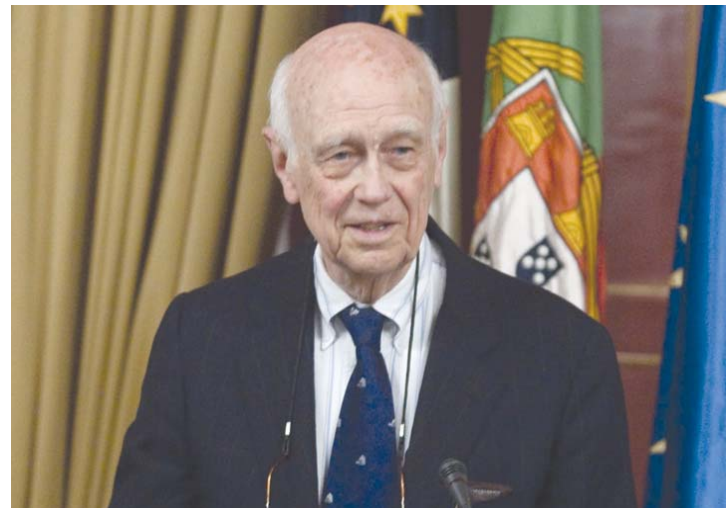
O presidente do Governo Regional reafirmou a importância da posição

geoestratégica dos Açores, defendendo a ideia de que “as ilhas são um núcleo de encontro e intersecção necessária entre continentes e entre o Norte e o Sul.”

É no cenário de uma nova geração de políticas de concertação estratégica intercontinental que Portugal, “por via da sua história e da geografia das suas regiões autónomas”, pode figurar entre os países liderantes da reformulação do padrão de relações no Atlântico.

Carlos César sublinhou que tem dito, várias vezes, ser esse o dever de uma diplomacia que se pretende inovadora e que é isso que se impõe a um Estado que tem o dever de potenciar as vantagens competitivas da sua geografia e da sua plataforma insular atlântica.

“E digo isto porque já se perderam algumas oportunidades, como o repto que deixei na primeira edição deste fórum e que permitiria à Base das Lajes reposicionar-se enquanto infra-estrutura de ligação fundamental também a Sul, o



que hoje será apenas um desejo irrealizável, ou a preocupação que manifestei, na mesma altura, no sentido de garantir uma resolução célere e com a devida profundidade de análise da questão referente a uma eventual implementação de um campo de treinos de caças com sede na Base Aérea n.º 4”, realçou.

E o presidente do Governo Regional salientou mesmo que “os Açores, pela sua localização, pelo seu histórico papel na consolidação das nações

americana e brasileira, e pelo seu tradicional relacionamento de proximidade afectuosa e de cooperação efectiva com os arquipélagos africanos do Atlântico, não podem deixar de ser considerados peça fundamental de uma tal estratégia de retoma do valor transatlântico.”

Segundo Carlos César, as parcerias com instituições norte-americanas, a instalação, na Região, de infra-estruturas de investigação científica de última geração e a projecção

dos Açores daí resultante são provas concretas de uma mais-valia para o todo nacional.

“A Base das Lajes – que muitos teimam em avaliar, quase sempre negativamente, apenas com base nos avanços da aeronáutica ou nos progressos da tecnologia de aplicação militar – é, neste quadro, muito mais do que uma reserva de apoio à projecção de forças, e os Açores são muito mais do que um assento na mesa das conversações bilaterais”, concluiu.